

## Piauí



### **Dona Maria de Lourdes e a arte de fazer redes de pesca no Semiárido**

Quilombola, Maria de Lourdes de Sousa, de 61 anos, é uma mulher forte e corajosa que, mesmo aposentada, continua trabalhando na agricultura familiar. Sempre sorridente e de uma mansidão admirável, vive desde 1991 no Quilombo Vaquejador, no município de Piripiri (PI), ao lado do esposo, José Veríssimo de Oliveira, também de 61 anos. Foi nessa comunidade que criaram os quatro filhos: Maria de Fátima, Francisco André, Maria dos Remédios e Romário. Hoje, ajudam a educar o neto Fábio Lucas, de 12 anos.

Além do cultivo de alimentos, atividade que aprendeu ainda menina, como tantas mulheres do Semiárido, Maria de Lourdes nutre grande paixão pela pesca artesanal, saber herdado de sua avó que também se chamava Maria. Ela relembra que seus filhos adoravam piaba frita, e era do rio que vinha o sustento nos momentos de maior necessidade.

*“Eu morava lá na Faveira, pertinho do rio Corrente. Ia pescar e deixava meus meninos com o bisavô deles, avô do Veríssimo, que se chama Justino Ferreira Barbosa. Ele passava o dia inteiro com o menor nos braços, cantando, balançando numa rede de tucum até eu chegar. Eu ia pescar com a mãe do Veríssimo, que não levava vasilha; levava uma enfiadeira, um cipó. Quando voltávamos, era com a enfiadeira cheia de peixe. Naqueles tempos, as coisas eram mais difíceis, passávamos muita necessidade. A gente vivia da roça e da pesca até que chegou o Bolsa Família e foi melhorando”,* relembra dona Maria.

As redes de pesca, do tipo engancho e tarrafa, eram confeccionadas de forma artesanal por seu Veríssimo. Com o tempo, dona Maria pediu que ele lhe ensinasse a fazer a tarrafa, para também contribuir com a renda da família.

Uma tarrafa leva de um a dois meses para ficar pronta. Para confeccioná-la, a artesã usa linha de náilon e chumbo na base, e cada peça é vendida por R\$ 800. Valor significativo que já proporcionou importantes conquistas para a família.

Com o dinheiro obtido da primeira tarrafa, por exemplo, dona Maria conseguiu pagar a entrada da casa onde vive hoje, comprada em 2020 por meio do programa Minha Casa Minha Vida, na modalidade rural.

*“Quando chegaram os papéis para eu pagar, fiquei agoniada. Aí veio a ideia de oferecer a tarrafa para o meu cunhado, que morava em Mato Grosso do Sul. Paguei a primeira parcela com o dinheiro da tarrafa que fiz para ele”,* conta, feliz. Desde então, as encomendas não pararam. *“As pessoas dizem: ‘Mulher, faz uma tarrafa para tu me vender’. Eu digo que faço. Demoro um pouco, porque tem as lutas da casa, né?”,* explica dona Maria.



Além do artesanato, no terreno de três hectares onde moram com o neto, o casal planta e colhe de tudo um pouco. Eles cultivam feijão e milho, além de mandioca e macaxeira, que utilizam para a produção de farinha e goma. Também criam galinhas e mantêm uma pequena horta com coentro, cebolinha e alface roxa. A produção é destinada para o consumo da família e para a venda, contribuindo para complementar a renda doméstica e fortalecer a segurança alimentar.

Para chegar a essa fartura no quintal e na mesa, a caminhada começou lá atrás com a conquista da cisterna de 16 mil litros, por meio da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), que proporcionou à família água de qualidade para beber e cozinhar. Em 2026, dona Maria e seu Veríssimo serão contemplados com outra cisterna, a de 52 mil litros, que irá garantir água para a produção de alimentos. O novo reservatório é fruto do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), outra iniciativa da ASA executada pelo Centro Regional de Assessoria e Capacitação (CERAC) com recursos do governo federal.

*“A cisterna de beber trouxe segurança, principalmente no período seco. Com a cisterna de produção, vamos ampliar ainda mais nosso quintal produtivo, plantar mais verduras e melhorar nossa alimentação e renda”,* afirma seu Veríssimo.

Além do direito à água, dona Maria celebra a conquista da posse definitiva de sua terra, que garante segurança para viver e produzir com a família no território historicamente ocupado por seus ancestrais. *“Ser quilombola significa resistência. Tenho muito orgulho de ser quilombola. Eu não nego minha origem, não”,* diz.

Assim como nas redes de pesca que tece pacientemente, a história de dona Maria de Lourdes é construída nó por nó, entre alegrias, dificuldades, conquistas sociais, acesso à água e à terra, e a políticas públicas que fortalecem o Bem Viver no Semiárido.